



“ENQUANTO FRITÁVAMOS BATATINHAS CONVERSÁVAMOS SOBRE AS AULAS”¹: INDISSOCIABILIDADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

MIENTRAS FREÍAMOS PAPAS, HABLÁBAMOS DE CLASES”²: INSEPARABILIDAD DE DOCENCIA, INVESTIGACIÓN Y EXTENSIÓN

WHILE MAKING FRENCH FRIES WE WERE TALKING ABOUT CLASSES”³: INSEPARABILITY OF THE TRIAD TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION

*Cláudia Maria Ribeiro*⁴

*Fábio Pinto Gonçalves do Reis*⁵

*Kátia Batista Martins*⁶

*Leandro Veloso Silva*⁷

*Marlyson Alvarenga Pereira*⁸

¹ Depoimento de uma discente da Licenciatura em Química referindo-se ao momento em que se reportavam aos textos discutidos em Psicologia da Educação e que transversalizavam aparatos culturais nas temáticas de gênero e sexualidade. O referencial teórico reportava ao pessoal e ao político.

² Testimonio de una alumna de la Licenciatura en Química referente al momento en que se referían a los textos discutidos en Psicología Educativa y transversalizaban aparatos culturales en las temáticas de género y sexualidad. El marco teórico se refirió a lo personal y lo político.

³ A Chemistry student statement referring to the moment when they mentioned the texts discussed in the discipline Psychology of Education and considered the transversality of cultural apparatuses in gender and sexuality themes. The theoretical framework referred to personal and political issues.

⁴ Doutora em Educação. Professora Titular aposentada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – MG. Integrante do Grupo de Pesquisa Fesex: Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente. Lavras, Minas Gerais, Brasil.

⁵ Doutor em Educação. Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais, Brasil.

⁶ Mestra em Educação. Professora no Núcleo de Educação da Infância da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais, Brasil.

⁷ Doutor em Estudos do Lazer, Cultura e Educação. Professor da Faculdade Presbiteriana Gammon. Lavras, Minas Gerais, Brasil.

⁸ Doutor em Ciências Sociais. Professor da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Cana Verde. Minas Gerais, Brasil.

RESUMO

Este texto apresenta o grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, vinculado ao CNPq, que nasceu em 2009 e seu compromisso com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. No contexto da aprovação de vários projetos de extensão fomos desafiados e desafiados a imprimir a teorização pós-crítica na realização dos mesmos. Isso porque, na condução das disciplinas da graduação, mesmo que no estudo de vários referenciais teóricos, os procedimentos faziam borbulhar saberes que estranhavam o que é normal; as naturalizações; o mapeamento das relações de poder para assumir a lógica rizomática do “e” e evitar a lógica binária do “ou”. Assim sendo, o ensino e a extensão assumiam a indissociabilidade e a pesquisa seguiu esta mesma trajetória. Este texto, escrito a muitas mãos traz a experiência de docentes e discentes que navegaram pelas águas do Fesex.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Referenciais pós-críticos. Imaginário das águas.

RESUMEN

Este texto presenta el grupo de investigación "Relaciones entre filosofía y educación para la sexualidad en tiempos contemporáneos: el problema de la formación docente", que surgió en 2009 y está vinculado al CNPq², y su compromiso con la inseparabilidad de la docencia, la investigación y la extensión. En el contexto de la aprobación de varios proyectos de extensión, se nos han desafiado a imprimir la teorización poscrítica en la realización de ellos. Esto se debe a que, en la conducción de asignaturas de pregrado, aunque que fueran consideradas varias referencias teóricas, los procedimientos generaban conocimientos que eran extraños a lo normal; las naturalizaciones; el mapeo de las relaciones de poder para asumir la lógica rizoma del "y" y evitar la lógica binaria del "o". Así, la docencia y la extensión asumieron la inseparabilidad y la investigación también siguió por este trayecto. Este texto, escrito a muchas manos, trae la experiencia de docentes y alumnos que han navegado por las aguas del Fesex.

PALABRAS-CLAVE: Experiencia. Referencias poscríticas. Imaginario de aguas.

ABSTRACT

This text presents the research group "Relations between philosophy and sexuality education in contemporary times: the problem of teacher education (Fesex)", created in 2009 and registered in CNPq⁹, and its commitment to the inseparability of the triad teaching, research and extension. In the context of several extension projects approval, we were challenged to convey the post-critical theorization in the accomplishment of them. This happened because, in the conduction of undergraduate disciplines, despite the several theoretical references, the procedures generate strange knowledge compared to the normal ones; the naturalizations; the power relations mapping in order to consider the rhizomatic logic of the "and" and avoid the binary logic of the "or". Thus, teaching and extension assumed inseparability and research followed the same way. This text, written by many hands, brings the experience of teachers and students who have sailed across the water of Fesex.

KEYWORDS: Experience. Post-critical references. Imaginary of waters.

⁹National Council for Scientific and Technological Development. Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico.

* * *

Ensino e extensão: as nascentes

O Fesex – apelido do grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, foi criado em 2009 a partir da constituição de um espaço privilegiado de discussão, reflexão e elaboração de outras formas de se pensar os sujeitos nos processos educativos entrelaçando o ensino e a extensão em projetos enviados ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), para concorrer a verbas em que se contemplava bolsas de extensão. Atuando nas licenciaturas e ministrando disciplinas que me possibilitavam transversalizar as temáticas dos direitos humanos, os projetos desenvolvidos apresentaram importantes referenciais com a função de sensibilizar educadoras e educadores nas temáticas de gênero e sexualidade.

As experiências advindas do GEISH – Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da Unicamp, que também tinha como objetivo os projetos de extensão universitária desenvolvidos por discentes de mestrado e doutorado que, mergulhados nos estudos da perspectiva foucaultiana e nos saberes das teorias pós-críticas, fomentaram, sobremaneira, os significados da extensão. Nesse contexto, Meyer e Paraíso (2012) acrescentam que o ato de pesquisar é fundamental para o desenrolar dos projetos de extensão realizados junto aos/às discentes das licenciaturas, visto que “deslocam-se as linhas que separam ciência e literatura; conhecimento e ficção, arte e ciência; filosofia e comunicação” (p. 33). De igual modo, não separar teoria e prática; conhecimento e saberes do senso comum; representação e realidade foram fundamentais tanto para as aulas quanto para as formações referentes aos projetos de extensão. A problematização de aparatos culturais, devidamente escolhidos para gerarem saberes cujas dimensões eram teóricas, mas também políticas e redundavam em pensar nas temáticas até quando se “fritava batatinhas” para as festinhas realizadas no Brejão – apelido do Alojamento Estudantil da Universidade Federal de Lavras. Tanto a debater que as conversas iam além da sala de aula e das participações nos projetos de extensão.

Enquanto grupo, aprofundamos conceitos situados nas teorias pós-estruturalistas, nos estudos feministas e nos estudos culturais, razão pela qual os processos de formação

continuada de educadoras e educadores nos instigou a navegar por: concepções de sexualidades, de gênero, de currículo, infância, adolescência, redes de proteção na intersectorialidade das políticas públicas, na abordagem e enfrentamento a lgbtfobia, sexismo, violências sexuais e nas metodologias para a ação docente. Os conteúdos das disciplinas da graduação eram, portanto, transversalizados tanto pelo referencial teórico citado quanto pelos temas de gênero e sexualidade.

Neste contexto é que nasceu o Fesex, ou seja, já havia a indissociabilidade do ensino e da extensão e a pesquisa seguiu esta mesma trajetória. O grupo grande de discentes que caminhava na articulação ensino – extensão concorreu a vagas no mestrado e potencializou o borbulhar de saberes que estranhavam o que é normal; as naturalizações; o mapeamento das relações de poder para assumir a lógica rizomática do “e” e evitar a lógica binária do “ou”.

Muito estudo e, ao articular teoria, metodologia e política com as temáticas de gênero e sexualidade, outra racionalidade nos inundava. Nesse movimento da articulação ensino, pesquisa e extensão que requer engalfinhar, entrelaçar, entretecer razão/emoção; imaginários desencadeavam problematizações. E o imaginário das águas surgiu fértil em possibilidades. Foucault (2002, p. 205) afirma que a desrazão, foi “aquática [...], oceânica: espaço infinito, incerto; figuras moventes, logo apagadas, não deixam atrás delas senão uma esteira delgada e uma espuma; tempestades ou tempo monótono; estradas sem caminho”.

Imaginário das águas, gênero, sexualidade – encharcando o ensino, a pesquisa e a extensão. E... Michel Foucault que “é para quem aprecia ranger, gosta de chiar” (PASSETTI, 2006, p. 109). Descobrimos que ele é “vital para quem inventa espaços, habita contraposicionamentos, utopias efetivamente realizadas, as heterotopias. Não teme a vida em expansão nos espaços em que se habita, e muito menos as resistências ali implicadas, que não requerem um lugar especial” (idem).

A logo do Fesex é um barco – que se constitui em outro espaço! Michel Foucault em seu texto “Outros Espaços” destaca que “nas civilizações sem barcos os sonhos naufragam, a espionagem substitui a aventura e a polícia os corsários” (2001, p. 422).

O depoimento produzido¹⁰ pela integrante do Fesex, a professora Gislaíne de Fátima Ferreira da Silva, potencializa a força do imaginário das águas para instigar a

¹⁰ A narrativa foi constituída pela integrante Gislaíne Silva a partir da sua pesquisa de mestrado intitulada ‘Arte por toda parte: as vozes da diferença entre imaginários, monstros e máscaras’, defendida em 2016, no PPGE/Ufla. Para saber mais, acesse: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/12216>

pensar. Ela diz: *parar por instantes e deixar-se banhar pelas águas que minam, migram, dançam e se encontram no Fesex, requer o exercício, saudoso, de acessar as memórias e navegar pelos mares desbravados no coletivo*. Como nos diz Jorge Larrosa (2002) é preciso parar para olhar, parar para pensar, parar para escutar, olhar mais devagar, pensar mais devagar e escutar mais devagar, e ao deliciar-me nesse processo de observação e revisitação de cada detalhe, encontro nos traços de minha trajetória, que também compõem os caminhos do grupo, a imagem da Pororoca.

Pororoca é uma palavra de origem indígena que corresponde ao fenômeno natural do encontro dos rios com o mar. São encontros de diferentes águas que percorreram diversos portos, ocuparam distintos espaços e desenharam incontáveis mapas. Encontros turbulentos que geram a mais bela arte e bailam em sua desarmonia. Encontros tortuosos e potentes como os que vivenciamos no Fesex.

Vejo-nos como dessemelhantes águas que se encontraram na Pororoca e que, juntas/os, produziram um espetáculo. Viemos como pequenos rios e lagos navegando por fissuras, buscando abrir novas passagens e nos encontramos com um mar de possibilidades, poder e saber. Misturamo-nos, nos transformamos, nos metamorfoseamos. Permitíamo-nos sermos tocadas/os e experienciamos as mudanças que somente o espaço-tempo do Fesex poderiam propiciar.

Fesex é força, é água, é encontro!

Essa força sempre desafiou a potencializar a extensão sem fragmentar o tripé: ensino, pesquisa e extensão fazendo borbulhar, germinar, ferver, agitar processos educativos. Nesse movimento inundamo-nos do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, que integra o Mineiro e o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil, para dentro da academia. E, com a academia fervilhamos junto com várias universidades que integram o grupo responsável pelo Seminário Internacional Corpo, gênero e sexualidade que já está em sua 8ª. Edição agregando a Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Lavras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade do Minho – PT, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Luterana do Brasil.

Diante do infinito possível, representado pelas ações políticas, éticas, educativas e estéticas aqui mencionadas, optamos em registrar as multiplicidades das experiências

formativas-de-vidas promovidas pelo Fesex por intermédio de relatos individuais¹¹, consequentemente coletivos, materializados nas narrativas das/os professoras/es a seguir.

Fesex, meu lar!!! Pois a casa é nosso canto do mundo

Começo a desvelar minha memória ancorado nas ideias de Bachelard (1993), que compreende a noção de “casa” como espaço de acolhimento segundo o qual todo sujeito abrigado reconforta-se ao reviver suas lembranças de proteção. Em seus ditos, o lar é esse lugar fechado que guarda as memórias e preserva os valores das imagens, das experiências de afetação, da topografia do nosso ser mais íntimo. Para ele, tal espaço percebido pela imaginação também contempla o devaneio, protege o sonhador e permite sonhar em paz.

No meu caso, comecei a habitar a casa intitulada Fesex em 2013, por ocasião do afastamento da professora Cláudia Ribeiro para realização do seu estágio de pós-doutoramento em Portugal, bem como, pelo meu ingresso como docente efetivo no programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). À época, eu trazia as marcas da tradição acadêmica (mestrado e doutorado) pautada em estudos acerca das desigualdades étnico-raciais e projetos educativos envolvendo as crianças negras brasileiras escravizadas no final do século XIX. Pois bem, diante de um coletivo de pesquisadores/as que tinha como foco os estudos de gênero e a educação para as sexualidades, dentre outros, pensei sobre quais seriam minhas possibilidades de diálogo com tais temáticas e sujeitos, já que não as estudava? Coloquei-me em suspeição, uma vez que, como afirmou Foucault (2009), o que significa para o sujeito começar a pensar e agir de maneira diferente, a procurar na reflexão aquelas coisas boas que nunca foram interpretadas e imaginadas anteriormente? Primeiramente, qual o sentido do termo *bom* em Foucault? Ele nos ensina que tal estado subjetivo (amizade consigo mesmo) advém por meio da inovação, inventividade e prática do pensamento crítico. Assim, o *bom* não existe em um céu atemporal, o qual observam os/as astrólogos/as do bem, cuja tarefa é apenas determinar a natureza favorável das estrelas. O bem, nesse sentido, é definido por nós, é praticado, é inventado. E este é um trabalho colaborativo, conjunto, de encontros. Dessa forma,

¹¹O primeiro deles de Cláudia Ribeiro; o segundo de Fábio Reis; terceiro de Kátia Martins; o quarto de Leandro Veloso e o quinto de Marlyson Alvarenga.

naquele momento coloquei-me na posição de começar de novo... e de novo...e de novo...e foi no interior da coletividade, dos encontros com/no Fesex, intermediado pelas problematizações dos textos estudados, pelos desafios das orientações acadêmicas e nos enfrentamentos teórico-metodológicos, que fui (re)inventando outros modos de existir na vida-profissão-docência. Por outras palavras, junto ao Fesex, fui me aproximando e, ao mesmo tempo, sendo capturado pela caixa de ferramentas disponibilizada pelas teorizações pós-críticas. Mais do que isso, de igual modo descobri paulatinamente os usos aos quais poderia destiná-la. Com todos meus limites e fragilidades comecei a interpretar criticamente o cotidiano, na perspectiva do acontecimento, identificando normas, padrões, subjetividades disciplinares e práticas de assujeitamento. Foi a partir dos caminhos partilhados com os/as integrantes do Fesex que fui me encorajando a negar o que sou e tornar-se em si mesmo, processual-idade. Maneira pela qual Foucault (2009) descreveu seus esforços para entender como o sujeito constitui a si mesmo em obra de arte, na medida em que questionou se o valor da paixão pelo conhecimento resultaria apenas em certa quantidade de saber e não, de um modo ou outro, no afastamento de si mesmo?! Esse exercício de autoconhecimento pode ser influenciado, segundo Foucault, por numerosas artes, incluindo, mas não se limitando, ao pensamento, à leitura, à escrita e ao ensino. Nesse sentido, as experiências com os projetos de extensão do Fesex (com interface em pesquisa) - tais como o “Borbulhando Enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais” e o “Com o *bullyng* não se brinca” – a ministração colaborativa da disciplina Sexualidades e Infâncias no curso de Pedagogia, as inúmeras participações em bancas de mestrado e doutorado, as orientações de pesquisa, as aprendizagens com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid Gênero e Sexualidades (o único do país), além de todas as nossas viagens aos Congressos, as festividades, os Eventos organizados ou vivenciados e as produções científicas-estéticas coletivas, permitiram-me uma imersão em autores/as, histórias, identidades, diferenças, vidas pulsantes. Em última instância, busquei relatar, ainda que de forma sintética, parte da minha trajetória no/com Fesex, entretanto, como se sabe, a memória e a linguagem não dão conta de muitas coisas, justamente porque nos escapam, fogem e, muitas vezes, até nos aprisionam....

O Fesex e a vida como obra de arte

Falar do Fesex é falar de vida, de potência de compromisso e responsabilidade social. É um desaguar sem fim... Conheci a professora Cláudia Ribeiro, coordenadora do Fesex, por meio da indissociabilidade que entremeia o ensino, pesquisa e a extensão. Atuava na Educação Infantil da rede municipal e participava das formações por ela propostas via extensão e pelo Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Em 2006, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia para a Educação Infantil, via Consórcio Pró-Formar na Ufla, protagonizado por ela e pela professora Ila Maria Silva de Souza, por intermédio do Departamento de Educação. Destaco a importância das políticas públicas para formação de professores e professoras em exercício da profissão.

O Curso de Licenciatura em Educação Infantil, de acordo com Ribeiro (2010), foi concebido para atender um edital público em 2004, advindo da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério de Educação (MEC). A aprovação do Projeto Político Pedagógico do curso gerou o Consórcio Pró-Formar firmado entre as seguintes universidades: Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), Universidade Federal de Lavras (UFLA) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Esse consórcio, no sul de Minas, foi representado pelo Departamento de Educação da UFLA, em parceria com as Prefeituras Municipais e suas respectivas Secretarias de Educação que assinaram o convênio: Lavras, Aguanil, Cambuquira, Carmo da Cachoeira, Itutinga, Paraguaçu, Perdões, Santana do Jacaré e São Francisco de Paula. Destaca-se o compromisso ético e social dos governos e universidades públicas brasileiras na e para a formação docente inicial e continuada, gratuitas e de qualidade, usando para isso a modalidade à distância, firmam seu compromisso com a escola pública e exercem seu papel social, função e dever do Estado.

O curso foi destinado preferencialmente às profissionais em exercício na Educação Infantil, em instituições públicas de atendimento às crianças de até 6 anos. Essas/es profissionais puderam vivenciar o ensino/pesquisa/extensão com vistas a ampliar as fronteiras do conhecimento e oferecer uma educação básica cidadã de qualidade, formando sujeitos críticos.

A experiência adquirida com a oferta do curso via o Consócio Pró-Formar, impulsionou o Departamento de Educação na construção e oferta do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Modalidade a distância, alguns anos depois, por meio de fomento da Capes e posteriormente instituiu-se o curso também de forma presencial.

Em 2010, o Fesex promoveu uma formação extensionista, o curso “Tecendo Gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil” no qual participei e tive a oportunidade de embarcar nos estudos pós-estruturalistas, me levando a questionar minha forma de pensar e de perceber o outro e o mundo ao meu redor, bem como as relações sociais. Mais adiante, em 2011 ingressei na Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola, também protagonizada pela professora Cláudia Ribeiro e integrantes do Fesex, e aprofundi os estudos sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil.

Em 2012 embarquei no Fesex e deparei-me com um emaranhado de saberes e incertezas. Instigada pela dúvida, naveguei em busca de saberes outros. Nessa busca, conquistei em 2014 uma vaga no Mestrado Profissional em Educação do DED/UFLA, aprofundi meus estudos e as perguntas e indagações não cessaram, de modo que as perguntas foram gerando outras perguntas, como costuma dizer Tomaz Tadeu.

Nesse barco, o referencial de Michel Foucault entremeou os fazeres, os saberes e as amizades. Fui me questionando como pessoa e professora aprendente. As discussões fervorosas, instigantes, tensas e muitas vezes poéticas, me remetem às palavras de Jorge Larrosa (2002, p. 21) sobre o saber e a experiência, que, de acordo com o autor, “não é o que se passa, o que acontece, mas o que nos passa, o que nos toca, o que nos acontece”.

Nesse acontecimento fui percebendo a vida como fonte inesgotável de potência, de devir, de possibilidades de experimentar a vida como obra de arte, conceito que se entremeia com a estética da existência proposta por Foucault (1994). Viver a vida como obra de arte remete pensar as técnicas de si, as relações de poder e lutas de resistências. A vida artista que o Fesex assume, nos convida e desafia a experimentar, é uma vida permeada de possibilidades de resignificação, que se opõe aos regimes de controle e disciplinamento dos sujeitos (DIAS, 2008).

A vida partilhada no Fesex me impulsionou a viver uma vida artista e atuar como professora do quadro permanente da UFLA, no Núcleo da Educação da Infância e na coordenação de um projeto de extensão intitulado BrincArte, gestado a partir das

experiências anteriores, buscando a indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, bem como o rigor acadêmico e a vigilância epistemológica. O barco do Fesex segue, gerando borbulhas por onde passa. Em suas navegações os encontros foram/são geradores de mais borbulhas. Em sua rota as águas se cruzam, se misturam e cada uma segue seu percurso transformada, potencializada!

Fesex: Espaço outro para se (re)pensar e (re)construir possibilidades... Um ‘outro espaço’ para se efetivar ‘resistências’ de vida, aos processos de ensino, pesquisa e extensão

Encontrei o Fesex, grupo de estudos e pesquisa liderado pela Professora Cláudia Ribeiro, para fazer parte de minha trajetória de apropriação de conhecimentos acadêmicos em 2010 - envolto a um processo de contestar e (re)pensar minha formação docente na configuração da educação de base, e diante do desafio de atuar como parte da equipe polidocente do/no Curso Gênero e Diversidade na Escola – o GDE – oferecido à época, pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, primeiro como pós-graduação depois como curso de extensão destinado a professores e professoras da Rede Pública de Ensino.

Nesse cenário, para atuar de forma significativa no processo de formação docente pretendido, organizado e estruturado, abordando temáticas tão essenciais à vida humana como as que estão ao redor das questões de gênero, da educação para as sexualidades e das relações étnico-raciais cerne do curso, foi preciso desde o início, me disponibilizar a muitos estudos e reconhecimentos, num movimento contínuo de desconstruir e reconstruir muitos pensamentos e comportamentos que naturalmente foram sendo instituídos e normatizados pelos processos tradicionais de educação aos quais percorri, e que nos acontecimentos pulsantes do GDE precisavam ser também reconstruídos para que surgissem novas possibilidades de pensar, fazer, agir e assim constituir novos saberes coletivos com bases em pensamentos emancipatórios, igualitários e libertários.

E foi me inserindo no grupo de estudos e pesquisa que percebi esse ‘outro espaço’ capaz de possibilitar novas ‘formas e jeitos’ de aprender, de ensinar, de atuar e de produzir novas abordagens metodológicas para os processos de ensino-aprendizagem, modificando minha compreensão da realidade dos fatos e maximizando a condução de minhas atuações como docente, que nessa altura, já se constituíam nos

acontecimentos da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, subsidiados pelo campo das ciências humanas, dos estudos pós-críticos, dos estudos pós-estruturalistas, dos estudos culturais que engalfinhados nas ferramentas foucaultianas, se tornaram essenciais para minhas propostas, produções e movimento de pesquisar a vida humana, do professor e professora que ensina ou do sujeito social – criança, adolescente, jovem, adulto – que aprende, para não mais reproduzir processos educacionais tão somente, mas criá-los a partir da necessidade apresentada, pois a cada oportunidade de ensino há sempre uma nova possibilidade de se escrever histórias diferentes e com significados também diferentes.

O Fesex, mais uma vez deslocando o pensamento de Michel Foucault (1967/2009) sobre ‘outros espaços’ se tornou para mim e para muitos integrantes a possibilidade concreta de experimentar uma ‘heterotopia’, ou a possibilidade de criar um outro espaço educacional, de ensino e de aprendizagem, coexistindo com o espaço de educação já concebido, conhecido e instituído por todos e todas.

Foi/é fonte de inspiração para buscar diferentes metodologias e formas de ousar a fazer. Foi/é oportunidade de produção de ideias, de pesquisa, de escritas, de linhas de pensamentos que conversam com a diversidade e a respeitam pela intensidade das diferenças. Foi/é possibilidade de participação e protagonismo em eventos acadêmico-científicos, viagens para congressos nacionais e internacionais e suas organizações, cursos de preparação e formação docente, fóruns de discussões políticas, projetos de extensão transformadores dos contextos sociais. Foi/é capacidade de transitar entre ideias e pensamentos que podem ser reconstruídos, modificados e reestruturados para que alcancemos equidade em viver e conviver. E como é transformador pensar e identificar a existência real destes espaços heterotópicos em que podemos encontrar forças para resistir e lutar contra o que está apenas posto e instituído.

Se sentir parte e acolhido pelo grupo Fesex e por suas possibilidades de aprendizagem, é ter a certeza, embora provisórias, de muitas trajetórias e caminhos a trilhar, muitas lutas e entraves a vencer. E que nada é o que parece ser porque há sempre que se desconfiar da normalidade normatizada que tanto buscamos problematizar e desvelar. É não ter medo de ousar a pensar, de ousar a fazer, de ousar a ser. É cuidar de si e do outro, tendo consciência do devir a ser, e de ser quem se deseja e pode ser. É resistir e ser resistência contestando o ‘poder’ e as relações limitantes que ele insiste em estabelecer, pois segundo Foucault (1976/2009, p. 105) "onde há poder há resistência e,

no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder".

Portanto, compreender a resistência – ato de se opor ao que não se concorda – como afirmação de si, é se reconhecer e se identificar nas processualidades da vida e da educação da vida. Ter ‘as resistências’ e lutas como ponto de partida de si para se enxergar o outro, pode viabilizar também a tentativa de ver em quais pontos as relações de poder se instauram, bem como os métodos dos quais se utilizam para tentar estagnar a vida, e dessa forma contestá-la e desconstruí-la no entremear do cuidado de si e do outro (FOUCAULT, 1976/2009). Resistir é caminhar no contrapositionamento da invisibilidade forçada pelo poder. Resistir é insistir em ser.

Então que sejamos resistências, pois foi estudando e se apropriando do conhecimento, que por meio da participação efetiva do/no grupo, pude ser resistência a realidade que estava sendo imposta a minha atuação profissional. Na ousadia de mudar tive a oportunidade de fazer e ser parte da primeira turma do Programa do Mestrado em Educação Profissional do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras em 2011 tendo como fonte empírica de pesquisa o Curso GDE e, posteriormente, em 2016, a ousadia de fazer parte do Programa Doutoral em Estudos do Lazer na área da Cultura e Educação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, produzindo e criando no movimento borbulhante e fluido de se produzir a pesquisa ‘Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola’¹², cujos conceitos principais foram as *inflexões de aprendizagem*, que se traduzem em movimento interno de mudanças – de pensamento e de comportamento – que circundam e motivam cada vez mais, minha forma de atuar e de produzir sempre novos saberes.

De rochas incandescentes ao encontro dos corpos: a alegria dos afetos

O encontro com o Fesex foi a partir de um convite da Professora Doutora Cláudia Ribeiro, ainda nas antigas dependências do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – DED/UFLA. Tinha comentado com um dos integrantes, Alessandro Paulino, que tinha vontade de fazer parte daquelas reuniões e

¹² SILVA, Leandro Veloso. Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola: mapeando os acontecimentos de inflexões de aprendizagem no brincar de crianças. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34147>. Acesso em: 5 de julho 2022.

debates. Nesta época, fazia uma especialização *Lato Sensu* em educação, oferecida pelo DED, que foi minha porta de entrada na pesquisa. Com seus cabelos de fogo, vermelhos como a lava vulcânica que por onde passa nada fica como está, a professora Cláudia Ribeiro me pergunta se gostaria de fazer parte do Grupo Fesex, que à época ainda não tinha esse apelido. Eu, rapidamente digo sim e adentro àquele que seria o mais importante espaço de formação para mim.

Começo minha atuação no Fesex com um grande desafio, a escrita de um texto para o Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade que aconteceu, no ano de 2011, na cidade de Rio Grande – RS, organizado pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Fazíamos rodas de debates a partir das ideias que trazíamos. Desse modo, nasce uma proposta de pensar uma fala de um estudante dita durante uma aula ministrada por mim, em uma escola pública no sul das Minas Gerais. No entanto, a dinâmica de colocarmo-nos em roda, pensando todo significado do ver e ser visto, do falar e ouvir, do criticar e se repensar, do estabelecer no encontro o fazer, fora muito destruidor para mim que, naquele momento, timidamente, tateava apresentar um pôster no Seminário Internacional. No entanto, falamos de fluxos piroclásticos, ou seja, “uma família de gases superaquecidos, cinzas e detritos”¹³ que são incrivelmente destruidores, transformando tudo por onde passam. Uso essa imagem para pensar em toda transformação que aquele modo de conceber a educação, linear e sem grandes hierarquias, respeitando os tempos, embora tivéssemos prazos, produziu em mim. A destruição da rocha incandescente produzida pela professora de cabelos vermelhos que mostrava que uma educação a partir dos encontros poderia ser possível.

A analogia dos encontros, juntamente à metáfora dos fluxos piroclásticos são importantes para pensar na revolução desta educação que produz Alegria como Afecto. Desse modo, “por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada”. (ESPINOSA. III, definição 3, p. 163). Assim, nos encontros do Fesex pude experimentar meu corpo se tornar coletivo, no sentido trazido por Espinosa, já que esse diz que um corpo se define na sua potência de “afetar e ser afetado”, segundo Livia Azevedo (2018, p. 51). Portanto, é deste encontro que tem o outro como lugar de chegada e que produzirá a Alegria, essa como um afeto potencializador, produtor de mais encontros.

¹³ Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/04/avalanches-vulcanicas-se-movimentam-sobre-o-ar-tornando-se-ainda-mais-destruidoras>. Acesso em: 18 de junho 2022.

Essas rodas que fazíamos não eram apenas de estudos, eram também de danças. Dançávamos às sombras de Amoreiras e de Jequitibás, onde tínhamos como pontos de localização apenas o horizonte dos toques, dos passos errados, das mãos dadas, vistos por divindades muito antigas. Eram assim os momentos iniciais dos cursos de extensão, e um em especial, pois foi o primeiro que participei, o “Tecendo Gênero e Diversidade Sexual no Currículos da Educação Infantil”, no qual vi essa Alegria do potencializar, tocar os corpos e materializar-se. Esta ética dos afetos, do coletivo que ensina, que produz pesquisa, que produz extensão, tripé ou tridente para evocarmos divindades, fora algo que se presentificou desde minhas primeiras experiências com o Fesex. Era um ensino que se pesquisava ao mesmo tempo que dançava na extensão dos debates, dos conceitos. Um indissociável tripé da Alegria, dos afetos da potência, dos encontros dos corpos.

Um corpo que sempre foi o mote dos olhares que se traçam ali. Este alvo do poder (FOUCAULT, 2009), é trazido para pensarmos em todas as dinâmicas impostas de dor e sofrimento, mas também de prazer e deleite. Estes momentos imersivos nos conceitos, nas experiências, nos olhares, nos toques produziram em mim afetos que me fizeram sair do lugar da margem e entender que essa é produto de um disciplinamento que desencadeará em controles produzindo sujeitos mal-ditos, os párias e mal-paridos de uma sociedade que estabelece o pequeno centro e isola a grande margem. Desse modo, a partir dos atravessamentos do tripé pesquisa, extensão, ensino começo a possibilitar em minha prática de professor na educação básica, novos encontros. A teoria que sempre foi prática começa a tocar a matéria e a partir das experiências nas rodas do Fesex possibilitar a alegria. Uma micropolítica do desejo, nos dizeres de Guattari (2013) que produziram entradas com múltiplas saídas. Assim eram essas rodas, você entrava, mas sair era de muitas maneiras.

Desde minha entrada, pelos idos de 2011, fui produzindo saídas na minha atuação como professor, como estudante, como pesquisador que me torno a cada momento. Desse modo, uma das saídas que produzi a partir das rodas do Fesex, foi a tese nas ciências sociais, na qual busquei traçar a emergência de políticas públicas que possibilitaram a chegada à universidade pública brasileira de mulheres trans. Novamente falando de micropolíticas do desejo, de traçados outros na ordem normativa que irrompiam fluxos piroclásticos e produziam encontros.

Assim a Alegria da educação que se faz nas rodas, nas danças, nos debates foram forças que produziram atravessamentos em mim. Que me mostraram que o desejo

lança rochas incandescentes e toca a matéria dos corpos criando outros mundos, outros possíveis.

Considerações em devir

Por que não finais? Porque o grupo viveu/vive o devir; as imprevisibilidades; as metamorfoses. “Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente” (LOURO, 2008, p. 16).

Quantas foram as rotas fixadas e, justamente pela vigilância epistemológica do entretecer ensino, pesquisa e extensão é que os devires foram sendo experienciados. Dantas (2008) diz que:

Experiência limite é, então, uma noção que diz respeito à experiência que arranca o sujeito de si, que convida a por em questão a categoria de sujeito, sua supremacia, sua função fundadora. Mas tal experiência não se limita ao âmbito da especulação; colocar em questão o sujeito significa experimentar qualquer coisa que o conduziria à sua destruição real, à sua dissociação, ao seu retorno em outra coisa. Experiência, portanto, radical, porque coloca em crise a noção de sujeito, quando não, o próprio sujeito da experiência. Ela está intimamente ligada à experiência de uma linguagem na qual o sujeito está excluído. Ela revela a incompatibilidade entre a aparição da linguagem em seu ser e a consciência de si em sua identidade. A “experiência limite” é a experiência marcada pela dispersão do Eu, que se mantém fora de qualquer subjetividade e no limiar de qualquer positividade (DANTAS, 2008, p. 5).

Na radicalidade da experiência limite os depoimentos fizeram-nos mergulhar nos referenciais teóricos que nos subsidiaram e que nos impulsionaram a “fazer crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal” (FOUCAULT, 2004, p. 6). Principalmente na potência das indissociabilidades: do ensino, pesquisa e extensão que são encharcados pelos referenciais pós-críticos fazendo borbulhar também outros, tais como o citado Bachelard (1993) que elaborou a noção de “casa” citada anteriormente neste texto. Navegamos com ele pelo imaginário das águas para assim viajar e instigar viagens aos porões da casa! “As idas aos porões nos mostram que o mundo social tem história e é bem mais complexo do que nos fizeram supor as metanarrativas iluministas da totalidade” (VEIGA-NETO, 2012, p. 268). Complexidades, ambiguidades, paradoxos

assumidos para desencadear as problematizações ativando fantasias, reabilitando o estatuto do imaginário, do símbolo, das metáforas imbricadas no cotidiano.

Referências

AZEVEDO, Lívia Godinho Nery Gomes. Ética da alegria e do encontro: elucidações espinosanas e perspectivas psicodramáticas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 25, p. 78-85, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DANTAS, Marta. **Escritos brutos e outros escritos**: a “experiência limite” em questão. In: Congresso Internacional da Abralic, 11., 2008, São Paulo. Tessituras, Interações, Convergências. *Anais...* São Paulo: e-book, 2008. Disponível em http://www.abralic.org.br/AnaisOnline/simposios/pdf/005/MARTA_DANTAS.

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche e Foucault: a vida como obra de arte. In: KANGUSSU, Imaculada et al. **O cômico e o trágico**. Rio de Janeiro: 7 Leras, 2008. p. 41-55.

ESPINOZA, Baruch. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 186 p.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits**. Paris: Gallimard, 1994, 4 vols.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: MOTTA, Manuel Barros da. **Foucault**. Estética: literatura e pintura. Música e cinema. Coleção Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Organização e Seleção de textos: Manoel Barros da Motta. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Coleção Ditos & Escritos I.

FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Organizador: Coletivo Sabotagem. 2004.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. 1926 – 1984. In: **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. MOTTA, Manoel Barros da (org), BARBOSA, Inês Autran Dourado (Tradução) – 2ª Edição – Rio de Janeiro: Fonrense Universitária. 2009. (Trabalho original publicado em 1967)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2009. (Trabalho original publicado em 1976)

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 439 p.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 19, p. 20-29, jan./abr. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 120 p.

SILVA, Gislaine de Fátima Ferreira da. **Arte por toda parte**: as vozes da diferença entre imaginários, monstros e máscaras. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/12216>. Acesso em: 5 de julho 2022.

SILVA, Leandro Veloso. **Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola**: mapeando os acontecimentos de inflexões de aprendizagem no brincar de crianças. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34147>. Acesso em: 5 de julho 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Anped, v. 17, n. 50, maio-ago, p. 267-282, 2012.

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em julho de 2022.